

RUBEM THOMAZ DE ALMEIDA

'O índio brasileiro é uma lenda'

Alvarito Mendes Filho

- Como está hoje a questão do índio no Brasil?

- Comparada com a situação durante a ditadura militar, a questão está hoje ao mesmo tempo mais sofisticada e mais tranqüila. Com a Constituição de 88, os índios passaram a dispor de mais mecanismos de luta. Mas dizer se está melhor ou pior, é difícil. Depende da situação de cada povo. A verdade é que esta é uma questão sempre muito problemática. As minorias, no Brasil, enfrentam sempre muitas dificuldades.

- Minorias? Os negros e as mulheres, também?

- Sem dúvida. No caso específico dos povos indígenas, o que se pode dizer também é que já há uma sofisticação em sua própria organização. Ou seja, a medida que o contato se estabelece (e hoje já nem se pode falar de sociedades indígenas que não têm contato com o branco), é que os problemas começam a surgir, o índio começa a se organizar. Hoje há movimentos muito fortes apoiados por organizações não-governamentais e até religiosas. Nesse aspecto é possível dizer que já houve um grande avanço na organização dos índios.

pé na terra e o resto no céu. Sua espiritualidade é uma peculiaridade marcante e está presente em suas lutas. Nota-se pouca cultura material neles. Já os txucarramãe (caiapós) se pintam e usam enfeites de plumagem colorida. O cacique Raoni é um txucarramãe. Já quando a gente chega numa aldeia craô, eles pegam a gente, cortam o cabelo e pintam o rosto. Tudo isso para integrar a pessoa à cultura deles. Já os guaranis, povos extremamente pacíficos, são esquivos e difíceis de lidar, pois se escondem. Sua atitude é a de não deixar que o branco

- Para lutar por seus direitos e pela manutenção de sua cultura, o índio precisa saber usar as armas, ou seja, as leis do branco. Há quem acredite que, neste caso, quanto mais preparado para enfrentar o branco, tanto mais o índio estaria distante de suas origens. Você concorda?

- Não. Porque não é o fato de se defrontar com o branco que elimina sua cultura. Isso pode até reforçá-la.

Para a antropologia, "o outro" significa aquele que é diferente da gente. Neste sentido (e por representarem culturas completamente diversas), os povos indígenas sempre foram tratados com desrespeito. Um aspecto que choca o antropólogo paulista Rubem Thomaz de Almeida, formado em Ciências Sociais pela USP e com pós-graduação no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Ele viveu durante sete anos com os índios e conhece 80% das áreas dos guaranis (no Brasil). Além de dominar um dos três dialetos falados por esses povos. Como cientista, ao reproduzir o resultado de suas pesquisas, trabalha de forma totalmente racional e metódica. Mas ele pertence à escola dos estudiosos que se envolvem emocionalmente com o objeto de pesquisa. Por isso se revolta profundamente com o desrespeito com que são tratados os 150 povos indígenas hoje catalogados. "Não existe um índio, pois cada povo possui peculiaridades que precisam ser respeitadas", diz. "É preciso que o governo tenha boa vontade e tente atender às suas reivindicações, pois esses povos (e suas culturas) não vão desaparecer. A não ser que sejam colocados no paredão e metralhados". No mês passado, Rubem Thomaz esteve em Aracruz, em contato com os índios.

Vide - Verso

- E a idéia, já historicamente arraigada no homem branco, de que o índio tem que se tornar "civilizado", ou seja, igual ao branco?

- Minha experiência pessoal com povos como os guaranis demonstra que este é um erro gritante. Eu passei a trabalhar no sentido de fortalecer suas culturas no meu trabalho. Já as missões, o governo, os fazendeiros, todos eles atuam no sentido contrário, pois têm a expectativa de que os índios se integrem ao modo de vida do branco. O Brasil possui 150 sociedades indígenas, cada uma com uma língua própria. Esta é uma riqueza imensa do ponto de vista cultural, pois cada um desses povos possui suas peculiaridades. Nesse aspecto, a luta com o branco só reforça a cultura de cada uma dessas sociedades. Pois a luta de

um guarani é bem diferente da de um xavante. Que também não é igual à empreendida pelos ianomâmi. Tudo depende muito da situação de cada região e da cultura de cada um desses povos. Aqui mesmo, no Espírito Santo, a atitude guarani frente ao branco é muito diversa da dos tupiniquins.

- O que há de peculiar, por exemplo, na luta dos guaranis do Espírito Santo?

- Os guaranis ocupam terras que vão do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, além do Mato Grosso do Sul, Paraguai e Norte da Argentina. Sua cultura é muito forte e mística. O pessoal da minha área costuma dizer que os guaranis têm um

se aproxime de sua cultura.

- Quais as maiores dificuldades que os povos indígenas estão encontrando, no momento, para se manter?

- As dificuldades não são de agora. Começaram no dia em que o europeu chegou aqui, no Século XVI, e têm como maior causa o esforço permanente do branco em tentar tornar o índio igual a ele. Além do problema da homogeneização dos povos indígenas. Não se considera as especificidades de cada grupo. Mais recentemente, isso teria mudado um pouco, com a atuação de vários antropólogos e indianistas, que têm estudado e publicado trabalhos sobre o tema. Mas, historicamente, o governo, a Funai e o FMI tentam cuidar da questão do índio brasileiro, o que é

uma lenda. O índio brasileiro não existe. O que existem são os índios pois, como já disse, são 150 sociedades totalmente diferentes umas das outras.

- Em algumas localidades, a prefeitura municipal ou o governo do Estado in-

sistem em implantar escolas nas aldeias indígenas. O que você acha disso?

- Não se trata de ser contrário à iniciativa. Os próprios índios não o são. Porém, é preciso levar em conta que existem procedimentos educacionais que se chocam com sua cultura.

- Então, qual seria a postura ideal do branco com relação ao índio?

- A de respeito à especificida-

de de cada cultura indígena. Levando em conta que se trata do "outro", alguém diferente, mas que merece ser compreendido e ter suas necessidades respeitadas, pois tem sua forma própria de se organizar. Enfim, uma postura de respeito pelo outro.

- Muitas vezes se vê na televisão o índio brigando por terras. Dá até a impressão de que esta é a única dificuldade que ele tem que enfrentar. Você concorda?

- Sim. Mas essa não é, de fato, a única questão. O problema é mais complexo, pois para se pensar na questão da terra indígena é preciso, mais uma vez, levar em conta as peculiaridades de cada grupo. Isso porque uns são sedentários, enquanto outros, nômades. E mais. Para o índio o pensar num espaço é pensar num ecossistema, com mata, água pura, caça e pesca em abundância. Ele vive em perfeita adequação com a natureza. Os grupos nômades, como os namiquara e os mbya (um subgrupo guarani) têm uma concepção ampla de território. Para eles, não existem cercas ou fronteiras. Ou, antes, os limites são impostos pelo mar, pois ali acaba a terra.

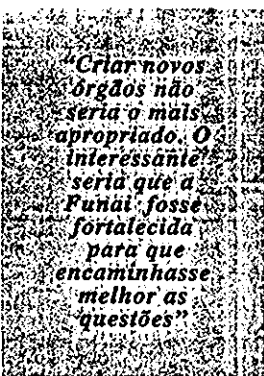
- Dentro desse conceito, não se trata então de dar apenas um pedacinho de terra para morarem?

- De modo algum. Veja, por exemplo, o caso dos tupiniquins aqui no Espírito Santo. Eles são enfáticos em dizer que não querem terra, mas liberdade. Ou seja, querem poder ir onde quise-

rem, visitar os parentes e caçar em qualquer lugar sem impedimento. Mas isso é algo que já não podem fazer, pois estão cercados por eucaliptos. Não podem se movimentar livremente, pois aparece o policial da empresa e diz: "Aqui vocês não podem entrar". Com tudo isso, quero deixar claro que a idéia de dar ao índio um cantinho onde viver fere profundamente sua concepção de território e seu modo de ser. Eu não quero dizer com isso que se deva dar toda as terras para o índio. Mas é preciso dialogar e ver em que medida é possível oferecer-lhe uma terra adequada ao seu modo de vida.

- A respeito dessa questão, existe uma tese polêmica, de Hélio Jaguaribe, segundo a qual o índio não precisa de terra. Qual sua opinião sobre essa tese?

- É uma tese bastante assustadora, principalmente se levando em conta que veio do professor Hélio, um homem supostamente lúcido e integrante do PSDB, o mesmo de Fernando Henrique. Ele propõe que os índios se aculturem, para que na virada do século todos estejam completamente integrados à sociedade nacional. Não sei se esta é a orientação do partido, mas assusta de qualquer forma. Tudo isso deixa claro que o professor está muito mal informado. Ou então se esquece de que o esforço dos brancos, desde o descobrimento do país até hoje, tem sido justamente o de tentar integrar os índios, de acabar com a cultura. O que até agora não



"Criar novos órgãos não seria o mais apropriado. O interessante seria que a Funai fosse fortalecida para que encaminhasse melhor as questões"

teve sucesso. Tenho certeza de que se ele investir nessa linha vai acabar se frustrando.

- Os candidatos a presidente apresentaram posturas claras com relação à questão indígena?

- Não. Eu não vi publicamente nenhuma postura. Mas sei que, em cada partido, havia pessoas pensando a questão. Pessoas encarregadas de apresentar um programa ao novo presidente. Desconheço a existência de algo mais organizado. O que há de mais interessante é a Constituição de 88, que contém avanços importantes. Meu maior receio (aliás não só meu, mas de vários colegas antropólogos) é com relação ao PFL de Marco Maciel e Homero Jucá. Este último foi um presidente desastroso para a Funai. Se ele voltar, será algo terrível, tenho certeza.

- O que o governo possui em termos de organismos para tratar da questão indígena é o suficiente?

- Criar novos órgãos não seria o mais apropriado. O mais interessante seria a que Funai, órgão responsável pelo assunto, fosse fortalecida pelo governo central para que pudesse encaminhar

melhor as questões. A gente percebe, por parte de muitos dos seus funcionários e de estudiosos ligados a ela, um esforço grande em realizar bem seu trabalho. Mas se nota também a dificuldade que têm em lidar com a estrutura do órgão, que tem hoje pouco poder. Bei a diferença da época da ditadura militar, que era uma instituição forte. Para se ter um exemplo concreto, basta dizer que em 1981 foi criado um grupo de trabalho para avaliar o território tupiniquim aqui no Espírito Santo. Foram demarcadas três áreas, mas o coronel Nobre da Veiga, então presidente da Funai, certamente em conluio com a Aracruz Celulose, reduziu em 70% as áreas definidas através de estudos muito sérios.

- Você voltou ao Espírito Santo para participar de um novo grupo de trabalho. Fale um pouco sobre isso.

- É um grupo que inicia um processo. Seu objetivo: fazer novos estudos para identificar as áreas dos tupiniquins. Este povo vem, desde 1973, tendo problemas com a Aracruz Celulose, mas insiste em reivindicar suas terras. Atendendo a uma solicitação dos índios, a Funai montou esse grupo. Dentro de 90 dias vamos apresentar um relatório, com a identificação de 13 áreas onde encontramos vestígios de antigas aldeias, que foram sendo tomadas pelo eucalipto. O relatório será estudado pelos técnicos da Funai, que passará ao Ministério da Justiça para que a área seja demarcada.

- Todo esse processo poderá demorar anos. Ou não?

- Vivemos num país onde esse tipo de processo leva anos. Nesse sentido, tenho uma proposta muito concreta. A de que os índios, a Aracruz Celulose e a Funai sentem para dialogar. Mas que a empresa não vá para o debate com a intenção de forçar sua posição, mas disposta a escutar os índios. Tenho também a proposta de que a empresa promova o reflorestamento de uma grande área. O que é tecnicamente possível. Isso porque

"Meu maior receio é com relação ao PFL de Marco Maciel e Homero Jucá. Este último foi um presidente desastroso para a Funai. Se ele voltar ao cargo..."

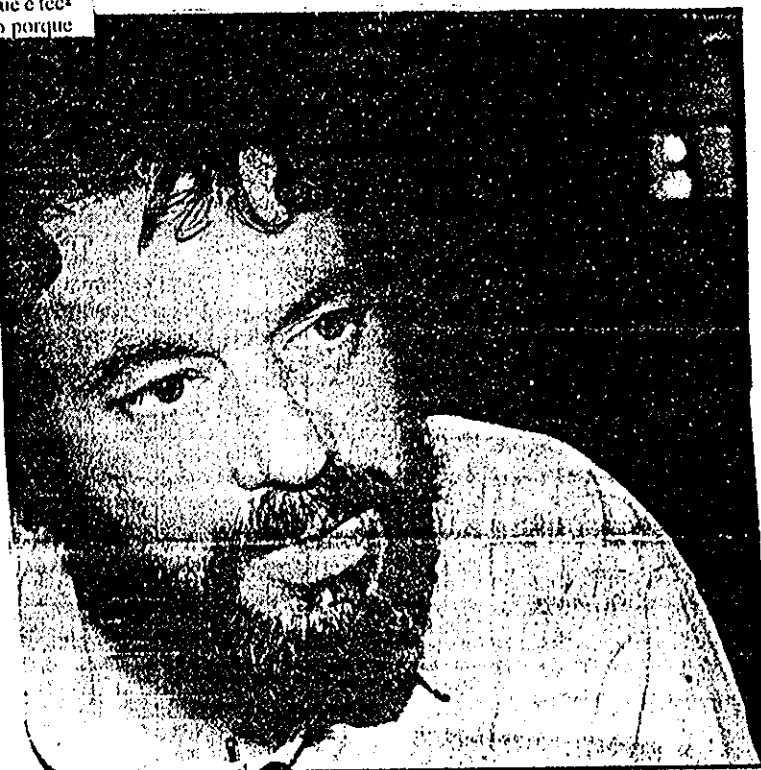
a Aracruz é conhecida pelo seu marketing ecológico. Mas, na verdade, o que ela faz é pintar um poste de verde e dizer que aquilo é uma árvore. Chamar uma plantação de eucalipto de floresta é um absurdo. Acho que a indústria poderia fazer um bom marketing (e com uma boa dose de verdade) financiando o reflorestamento das áreas identificamos como viáveis.

- A Aracruz Celulose diz sempre que nunca se furtou ao diálogo com os índios.

- Essa é como a história do lobo e o cordeiro. Pois é assim: estava o lobo bebendo água na parte de cima do riacho e o cordeirinho na de baixo. Ao perceber isso, o lobo disse: "Ei, você está sujando a água que estou bebendo". "Mas como estou sujando, seu lobo, se estou aqui embaixo e a água corre de lá para cá?", perguntou o cordeiro. "Então foi seu irmão que a sujou", insistiu o lobo. "Isso também não é possível, pois sou filho único", retrucou o cordeiro.

"Então foi você mesmo, que a sujou no ano passado", disse o lobo cada vez mais irritado. "Também não é possível", argumentou o cordeiro, a culpa haveria de ser do pai ou do avô dele. E, nesse momento, nhoe! Comeu o cordeirinho.

A moral dessa história de La Fontaine é a seguinte: contra a força não existe argumento. Em certo aspecto, foi exatamente o que nosso grupo viu aqui com relação aos tupiniquins e a Aracruz Celulose. E nem é preciso dizer quem é o lobo e quem é o cordeiro nessa história.



"É assustador que Hélio Jaguaribe, um homem supostamente lúcido, proponha a aculturação dos índios. Se ele investir nessa linha acabará se frustrando"